

## UNESP testa primeiros socorros em acidentes com animais aquáticos

**Campinas** - Queimaduras de água viva no braço ou restos de espinhos de ouriço-do-mar no pé podem parecer acidentes corriqueiros para os frequentadores das praias brasileiras, mas nem sempre são tão inofensivos. Em alguns casos, infecções secundárias ou o prolongamento da dor por alguns dias chegam a afastar os acidentados do trabalho. Existe até uma espécie de água-viva - a *Chiropsalmus quadrumanus* - com registros de acidentes fatais.

Para avaliar a importância e gravidade destes acidentes e testar medidas de emergência mais eficientes do que as tradicionais receitas populares, o médico dermatologista Vidal Haddad Júnior, acompanhou durante dois anos os atendimentos em hospitais de Ubatuba, no litoral norte de São Paulo. Haddad Júnior é da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Botucatu, e autor do Atlas de Animais Aquáticos Perigosos do Brasil, publicado pela Editora Roca, este ano.

Segundo ele, as estatísticas de acidentes envolvendo animais aquáticos diferem bastante entre turistas e pescadores. Os turistas tem mais acidentes com ouriços-do-mar (50%), sendo que as estatísticas de problemas com águas-vivas, corais, anêmonas e caravelas (25%) equivalem às dos peixes perigosos (25%). Os pescadores tem mais de 50% dos acidentes com peixes, quase nada com ouriços-do-mar e mais ou menos o mesmo percentual (25%) com águas-vivas e caravelas.

"O mais importante foi conseguir testar protocolos de atendimento de urgência, capazes de minimizar as dores e conseqüências dos acidentes", observa Haddad Jr. "Existem providências extremamente simples, ao alcance da maioria dos acidentados, que podem ajudar muito nos primeiros socorros, se tomadas até duas horas após o acidente".

Queimaduras de águas-vivas, caravelas, corais ou anêmonas, por exemplo, devem ser tratadas com compressas de vinagre, pastas de vinagre com farinha de trigo ou água do mar gelada. "Mas atenção, porque a compressa de água gelada tem que ser com água do mar: a água doce, ao contrário, reativa o veneno por osmose e acaba aumentando a dor", alerta. Colocar bolsas de gelo ou gel do tipo cold pack, onde o gelo não entra em contato direto com a pele também funciona. É sempre recomendável, depois destas primeiras medidas, que o acidentado procure um médico para acompanhar o ferimento.

Acidentes com ouriços, bagres, arraias, peixe-escorpião (mangangá) e outras espécies com ferrão ou espinhos merecem muita atenção. Urinar sobre o ferimento ou deixar de tirar todos os fragmentos de espinhos e ferrões pode levar o paciente a uma infecção secundária. Há registros de invalidez e até morte por infecções secundárias, sobretudo nos acidentes com arraias de água doce.

"De modo geral, os venenos destes animais degeneram com altas temperaturas, portanto, a imersão do ferimento em água quente (50°C) é a

melhor medida", acrescenta Haddad Jr. A imersão deve durar de 30 a 90 minutos e a água deve ser testada antes com a mão, para ver se o paciente suporta a temperatura, porque o local do ferimento estará com a sensibilidade alterada. Depois disso, o acidentado deverá buscar ajuda médica para procurar resquícios de espinhos e ferrões e tomar vacina anti-tetânica.

Se os pacientes ou médicos não sabem qual o animal que causou o acidente ou têm dúvidas em relação ao tratamento, podem consultar o site Animais Aquáticos Perigosos do Brasil (<http://www.dangerousaquaticanimals.com.br>) na Internet. A pesquisa de Vidal Haddad Jr prossegue com o acompanhamento de acidentes em água doce, com arraias, piranhas, bagres e outros.

**Liana John**